

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES – 5

UMA PROMESSA
& nada mais



ARQUEIRO

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES – 5

UMA PROMESSA
& nada mais



ARQUEIRO

CAPÍTULO 1



Não poderia haver nada pior do que nascer mulher. Era o que pensava Chloe Muirhead, com descarada autopiedade, enquanto chupava uma gota de sangue do indicador esquerdo e conferia se nenhuma outra brotaria, ameaçando manchar a renda delicada que estava pregando de volta em uma das melhores toucas da duquesa de Worthingham. A não ser, talvez, que a mulher tivesse a sorte de ser uma duquesa. Ou então se fosse uma dama solteira que dispusesse de 40 mil libras anuais e da liberdade de se estabelecer em algum lugar por conta própria.

Mas Chloe, infelizmente, não era uma duquesa. Nem ganhava sequer uma moeda além da renda que recebia do pai. Não *queria* se estabelecer em lugar algum por conta própria, pois desconfiava que seria solitário demais. No momento, não podia se queixar de estar só. A duquesa a tratava bem. Assim como o duque, ainda que do jeito rabugento dele. Além do mais, a duquesa a convidava para acompanhá-la sempre que recebia convidados à tarde ou saía para fazer visitas.

Não era culpa da duquesa ter 82 anos enquanto Chloe tinha 27. Tampouco se podia recriminá-la pelo fato de os vizinhos com quem mais convivia estarem todos acima dos 60. Alguns deles, bem acima. A Sra. Booth, por exemplo, que sempre carregava consigo uma grande trombeta auditiva e berrava um ranzinza “Hein?” toda vez que alguém abria a boca para falar, tinha 93.

Se tivesse nascido homem, Chloe teria se aventurado por todo tipo de experiência interessante quando precisara sair de casa, pensava ela, esfregando o polegar com força no indicador para ter certeza de que havia parado de sangrar e que era seguro pegar de novo na agulha. Mas não. Para *ela*, a única

saída fora escrever para a duquesa de Worthingham, que era madrinha de sua mãe e tinha sido uma das melhores amigas de sua falecida avó, para oferecer seus serviços como acompanhante. Acompanhante *não paga*, como tivera o cuidado de explicar.

A resposta veio dias depois, em uma carta amável e educada, junto com uma mensagem lacrada para o pai de Chloe. A duquesa ficaria encantada em receber a querida Chloe em Manville Court, mas como convidada, *não* como empregada (o “*não*” fora escrito em letras maiúsculas e sublinhado com força), e pelo tempo que quisesse – no que dependesse da duquesa, Chloe ficaria para sempre, pois não conseguia imaginar nada mais agradável do que ter a companhia de uma moça para animar seus dias e fazer com que ela mesma voltasse a se sentir jovem. Só esperava que sir Kevin Muirhead pudesse abrir mão da filha para essa visita prolongada. É claro que a duquesa demonstrara grande tato ao tocar nesse ponto. O mesmo que a levava a escrever em separado para o pai de Chloe, pois a jovem explicara em sua carta os motivos que tornavam intolerável sua permanência em casa, pelo menos por algum tempo, por mais que amasse o pai e detestasse a ideia de lhe causar transtornos.

Então ali estava ela. Seria eternamente grata à duquesa, que a tratava mais como uma neta amada do que como uma semidesconhecida que praticamente se convidara como hóspede. Mas, bem, a verdade era que também estava solitária. Era possível estar solitária e infeliz apesar de grata, não era?

Ah, sim: também estava infeliz.

Nos últimos seis anos, seu mundo virara de ponta-cabeça *duas vezes*. Se a vida seguisse alguma lógica – o que, com toda a certeza, não acontecia –, na segunda reviravolta tudo teria retornado ao lugar certo. Na primeira vez, Chloe perdera tudo o que qualquer jovem poderia desejar: as esperanças, os sonhos, a promessa de amor, casamento e “felizes para sempre”, a perspectiva de segurança e seu lugar na sociedade. Uma esperança renascera no ano anterior, ainda que discreta e modesta, mas também essa lhe fora arrancada, deixando sua própria identidade por um fio. Nos quatro anos que se passaram entre os dois desastres, a mãe morrera. Era de surpreender que estivesse infeliz?

Chloe voltou a se concentrar na delicada costura. Caso se permitisse chafurdar na autocomiseração, correria o risco de virar uma daquelas pessoas que só fazem se queixar e resmungar, e que todos evitam.

Estavam apenas no comecinho de maio. Uma massa um tanto grande de nuvens cobria o sol e parecia não ter intenção de sair dali tão cedo, enquanto um vento forte soprava numa das laterais da casa, atingindo o pátio externo adjacente à sala onde Chloe costurava. Ir para fora não tinha sido uma ideia muito sensata, porém chovera quase sem parar nos três dias anteriores e ela estava desesperada para se libertar daquelas paredes e respirar um pouco de ar puro.

Deveria ter pegado o xale, até a capa e as luvas, pensou. Se bem que, assim, obviamente não conseguiria costurar, e ela prometera aprontar a touca antes que a duquesa despertasse de seu sono vespertino. Maldita touca e maldita renda. Mas era injusto reclamar, porque ela mesma se oferecera para a tarefa e a duquesa até havia esboçado um protesto:

– Tem certeza de que não será um incômodo, querida? Bunker é bastante competente com a agulha.

A Srta. Bunker era a criada pessoal da duquesa.

– Claro que tenho. Será um prazer.

A duquesa sempre provocava aquela reação em Chloe. Apesar de ter sido acolhida com evidente sinceridade e de ser tratada com gentileza, Chloe se sentia na obrigação de, no mínimo, ser útil sempre que possível, ainda que não precisasse trabalhar para pagar o próprio sustento.

Quando concluiu a tarefa, estava tremendo de frio, os dedos rígidos para cortar a linha. Esticou o braço para contemplar a touca, que repousava sobre sua mão direita. Os pontos ficaram invisíveis. Ninguém diria que fora remendada.

Apesar do frio, não queria voltar para dentro. A duquesa provavelmente teria acordado e se encontraria na sala de estar, animada pela chegada iminente do neto. Estaria ansiosa para exaltar as muitas virtudes do rapaz mais uma vez, embora ele não visitasse Manville desde o Natal. Chloe não aguentava mais ouvir as qualidades dele. Duvidava que tivesse alguma.

Era verdade que ela ainda não o vira para fazer tal julgamento, mas conhecia bem sua reputação. Ele frequentara a mesma escola que Graham, irmão de Chloe. Lá, Ralph Stockwood – que mais tarde assumira o título do pai e se tornara conde de Berwick – havia sido um líder carismático. Era apreciado, admirado e imitado por quase todos os alunos, embora fizesse parte de um grupo muito unido formado por quatro garotos bonitos, atléticos e inteligentes. Graham falara de Ralph Stockwood com reprovação,

embora Chloe sempre tivesse suspeitado que ele invejasse aquele círculo de privilegiados.

Depois de se formarem, os quatro amigos assumiram postos em um respeitado regimento da cavalaria e partiram para a península Ibérica para combater os exércitos de Napoleão Bonaparte, enquanto Graham foi para Oxford estudar teologia e se tornar sacerdote. Depois do último semestre letivo, ele voltou para casa transtornado porque Ralph Stockwood o chamara de presunçoso chorão e molenga covarde. Chloe não sabia o contexto em que o insulto fora proferido, mas, desde aquele episódio, não via com bons olhos o ex-colega do irmão. E nunca tinha gostado dele, pelo que ouvira. Não aprovava os jovens – ou homens – que eram arrogantes com os outros e que eram venerados como se o merecessem.

Poucos meses depois de terem embarcado para a península Ibérica, uma mesma batalha matou os três amigos do tenente Stockwood e o fez deixar a linha de frente, tendo sido transportado de volta para a Inglaterra com ferimentos tão severos que ninguém esperava que sobrevivesse.

Na época, Chloe lamentara a má sorte do rapaz, mas não por muito tempo. Por ser sacerdote, Graham foi visitá-lo em Londres um ou dois dias depois de seu retorno de Portugal. Chegou a entrar no quarto do oficial ferido, mas o homem lhe dirigiu improperios furiosos e ordenou que saísse para nunca mais voltar.

Chloe não esperava gostar do conde de Berwick, mesmo sendo *ele* o herdeiro do duque de Worthingham e o único e amado neto da duquesa. Não o perdoara por ter chamado o irmão de molenga covarde. Graham pregava a *paz*, o que não o tornava um medroso. Pelo contrário, era preciso ter muita coragem para defender a paz entre homens fascinados pela guerra. E Chloe também não perdoara o conde pelas agressões verbais que dirigira a Graham sem sequer ouvir o que ele fora dizer. O fato de certamente estar sofrendo grandes dores na ocasião não justificava tamanha grosseria com um antigo colega. Assim, fazia muito tempo que ela decidira que o conde era grosseiro, arrogante, egocêntrico e até cruel.

E agora ele estava a caminho de Manville Court. A pedido da duquesa, era preciso acrescentar, não porque tivesse decidido por vontade própria visitar os avós que tanto o amavam. Chloe suspeitava que a convocação tivesse a ver com a saúde do duque, que vinha causando certa preocupação à esposa nos últimos meses. Ela achava que o duque vinha tossindo mais do que o

normal e que o fato de ele levar a mão ao coração ao tossir era mau sinal. Ele não se queixava de sua condição física (pelo menos não quando Chloe estava por perto) e só recebera o médico depois de muita insistência da duquesa. Depois, chamara o doutor de velho charlatão que só sabia prescrever comprimidos e poções cuja única finalidade era fazer a pessoa se sentir doente.

Chloe não sabia qual era o verdadeiro estado de saúde do duque, mas tinha conhecimento de que ele havia celebrado 85 anos no outono anterior, e 85 era uma idade avançadíssima.

Não importava: o conde de Berwick tinha sido chamado e chegaria naquele dia. Chloe não queria conhecê-lo. Sabia que não ia gostar dele. Queria menos ainda, talvez, admitia com relutância para si mesma, que ele a conhecesse: uma solteirona de 27 anos, envelhecida, com reputação duvidosa e sem perspectivas, que a avó dele hospedava por caridade. Uma criatura patética.

Mas foi esse pensamento que, por fim, a fez rir – às próprias custas. Havia provocado a si mesma a ponto de ficar irritada e de péssimo humor, e aquilo não lhe serviria de nada. Levantou-se cheia de determinação. Precisava ir até o quarto sem demora, para trocar de vestido e garantir que o cabelo estivesse arrumado. Podia ser uma pobre solteirona envelhecida e sem perspectivas, mas de nada valia ser uma solteirona repulsiva, que só merecesse piedade ou desdém. Seria doloroso demais, humilhante demais.

Subiu a escada depressa, libertando-se da autopiedade em que mergulhara por tanto tempo. Ora, se odiava tanto aquela vida, estava mais do que na hora de *fazer algo*. A única pergunta era: *o quê?* O que *podia* fazer? Não havia muitas opções para as mulheres. Às vezes, na verdade, parecia não haver nenhuma, em especial para aquelas com um passado complicado – mesmo que não tivessem culpa alguma disso.



Ralph Stockwood, conde de Berwick, havia acabado de voltar a Londres, depois de três semanas no interior, quando encontrou a carta da avó ao lado do seu prato de desjejum, junto com uma pequena pilha de convites.

Tinha optado pela cidade porque pelo menos ela oferecia a possibilidade de alguma distração para o corpo e a mente, embora ele não tivesse grandes expectativas de se divertir. Sem dúvida, visitaria os mesmos lugares de sempre, com a mesma falta de propósito de sempre, durante toda a prima-

vera. A nata da sociedade se deslocara para lá também, para as sessões do Parlamento e o frenesi dos acontecimentos sociais que divertiriam a todos com vigor implacável por alguns poucos meses. Ralph não tinha cadeira na Câmara dos Lordes, pois seu título era apenas honorífico, e a ideia de obter um lugar na Câmara dos Comuns nunca o seduzira muito. No entanto, ele sempre voltava à cidade, comparecendo a tantos bailes, festas, concertos e afins quantos fossem necessários para aliviar o tédio de suas noites. Passava os dias no White's Club, frequentava o Tattersall para ver os cavalos, o salão de boxe de Jackson para exercitar o corpo e a galeria de tiro de Manton para manter o olhar e as mãos firmes. Passava horas no alfaiate, no sapateiro e no chapeleiro em nome da boa aparência, embora nunca tivesse almejado integrar o grupo dos dândis. Fazia o que fosse preciso para se manter ocupado.

E sempre almejava...

Bom, esse era o problema. *Almejava* algo, mas não conseguia dar nome a seus anseios. Tinha uma casa, a mansão Elmwood, em Wiltshire, onde havia crescido e que recebera de herança junto com o título do pai. Também herdara um administrador competente, que se encontrava desde sempre na propriedade, de modo que ele não precisava passar muito tempo por lá. Era quase o único usuário da casa suntuosa do avô em Londres, pois os avós raramente visitavam a cidade àquela altura e a mãe preferia ter a própria residência. Tinha parentes carinhosos: avós paternos, uma avó materna, mãe, três irmãs casadas e seus filhos, além de algumas tias, tios e primos, todos do lado materno. Tinha mais dinheiro do que seria capaz de gastar a vida inteira. Tinha... o que mais?

Bem, tinha sua vida. Coisa que muitos não tinham. Muitos que teriam a mesma idade que ele, até menos. Estava com 26 anos e às vezes se sentia um septuagenário. Desfrutava de boa saúde apesar das numerosas cicatrizes de batalha que levaria para a sepultura, inclusive uma que lhe atravessava o rosto. Tinha amigos, embora isso não seja muito preciso; na verdade, havia numerosas pessoas com quem ele mantinha relações amistosas, mas amizade íntima, isso ele evitava fazer.

Estranhamente, não costumava pensar nos companheiros do Clube dos Sobreviventes como amigos. Era o grupo do qual fazia parte, formado por seis homens e uma mulher. Todos haviam se ferido com severidade durante as Guerras Napoleônicas, de formas variadas, e passado três anos juntos na Cornualha, em Penderris Hall. O proprietário da casa de campo era George,

duque de Stanbrook, também do clube. George não chegara a ir para a guerra, mas perdera o único filho em Portugal. A duquesa, mãe do rapaz, morreria meses depois, jogando-se dos altos penhascos nos arredores da propriedade, de modo que George, tão ferido quanto qualquer um deles, abrisse sua casa para servir de hospital e, depois, de moradia para um grupo de oficiais convalescentes. Os sete ficaram mais tempo do que os outros e formaram um vínculo mais forte que laços de sangue, algo que ia além da amizade.

Contudo eram eles, seus colegas do clube, a causa daquela inquietação anormal, beirando a depressão, que tomava conta dele naquela primavera. Quase ficou feliz com a carta da avó. Com seu jeitinho de fazer com que uma ordem parecesse um pedido, ela sugeria que o neto se apresentasse em Manville Court sem demora. Ele não aparecia por lá desde o Natal, embora escrevesse obedientemente a cada duas semanas, como fazia com a outra avó. O duque não estivera tão mal durante as festas de fim de ano, mas Ralph tivera a impressão de que ele já cruzara a linha invisível entre a terceira idade e a velhice frágil.

Imaginava o motivo da convocação, claro, embora o avô não estivesse de fato doente. O duque não tinha irmãos, apenas um filho falecido e um único neto vivo. A não ser que pesquisassem algumas gerações passadas e procurassem um ramo mais frutífero da árvore genealógica, havia na família uma notável escassez de herdeiros para o ducado. Ralph era, na verdade, o único. E não tinha filhos. Nem filhas.

Nem esposa.

A avó, sem dúvida, o chamara para lembrá-lo desse último fato. Ele não poderia providenciar herdeiros – pelo menos não legítimos – se não arranjasse primeiro uma esposa jovem e fértil e então cumprisse seu dever. A idosa duquesa lhe fizera um discurso nessa linha durante o Natal e ele prometera começar a procurar uma candidata adequada.

Ainda não conseguira dar os primeiros passos para cumprir aquela promessa. Poderia usar como desculpa o fato de a temporada de eventos sociais ter acabado de começar, de modo que não tivera ainda oportunidade de conhecer as jovens disponíveis daquele ano. Participara de um baile, contudo, pois a anfitriã era amiga de sua mãe. Dançara com duas damas – uma delas, casada, e da outra se esperava para breve o anúncio de noivado com um cavalheiro conhecido de Ralph. Depois de cumprir a obrigação com a mãe, ele se retirara para o salão de jogos, onde passara o resto da noite.

A duquesa ia querer saber se ele vinha fazendo progressos na busca. Teria a expectativa de que, àquela altura, Ralph já possuísse alguma espécie de lista. E montar uma lista dessas não seria difícil, precisava admitir, se ao menos ele se concentrasse na tarefa, pois era um bom marido em potencial, apesar dos estragos na aparência. Não era algo que o empolgasse, mas seu dever teria que ser cumprido mais cedo ou mais tarde – e a avó decidira que ele precisava se dedicar a isso antes que a temporada avançasse.

A lembrança das três preciosas semanas passadas havia pouco com os colegas Sobreviventes em Gloucestershire, em Middlebury Park – casa de Vincent Hunt, visconde de Darleigh –, só aumentava a melancolia de Ralph. Fazia pouco mais de um ano, na última reunião anual em Penderris Hall, todos os sete do grupo eram solteiros e descompromissados. De forma inconsciente, Ralph presumira que seriam assim para sempre. Como se *alguma coisa* pudesse permanecer para sempre. Se aprendera algo em seus 26 anos, era que tudo mudava, nem sempre para melhor.

Hugo, barão de Trentham, tinha sido o primeiro a sucumbir, quando ainda estavam em Penderris. Foi depois de conhecer lady Muir na praia, onde ela acabara de torcer um tornozelo já problemático, e carregá-la no colo. Apaixonaram-se de imediato e se casaram poucos meses depois. Vincent, o cego e mais novo do grupo, fugira de uma noiva escolhida pela família e por pouco escapara da armadilha de outra. Por uma questão de cavalheirismo, ele pedira a mão da moça que o ajudara a se esquivar da segunda candidata e que acabara sendo expulsa de casa em consequência disso. Haviam se unido em matrimônio alguns dias depois de Hugo, na mesma igreja em Londres. Enquanto isso, Ben – sir Benedict Harper –, ao se hospedar com a irmã no norte da Inglaterra, conhecera uma viúva muito maltratada pela família do falecido marido. Corajosamente, ele a acompanhou em sua fuga para o País de Gales e acabou se casando com ela, assumindo as minas de carvão e as fundições do avô da moça. Bizarro! E naquele ano, durante o reencontro em Gloucestershire, Flavian, o visconde de Ponsonby, se unira de forma inesperada e repentina à irmã viúva da professora de música do vilarejo, que então levou para Londres a fim de conhecer a família dele.

Quatro dos Sobreviventes haviam se casado no período de pouco mais de um ano.

Ralph não lamentava. Gostava das quatro noivas e achava bastante provável que aqueles enlaces dessem certo. Embora, na verdade, ele soubesse que

deveria fazer ressalvas em relação ao casamento de Flavian, que acontecera havia bem pouco tempo e de forma abrupta. Ainda era preciso levar em conta que, depois de ter sofrido ferimentos na cabeça e perdido a memória durante a batalha, Flavian ficara um pouco instável mesmo em seus melhores momentos.

Eram as mudanças que o incomodavam – um incômodo tolo, mas que ele não conseguia evitar. Com toda a certeza, não se melindrava com a felicidade dos amigos. Muito pelo contrário. Ressentia-se, talvez – embora “ressentimento” não lhe parecesse a palavra certa –, de ser deixado para trás. Não que quisesse se casar. Não que acreditasse em felicidade, fosse a conjugal ou de qualquer outro tipo. Não para ele, pelo menos. Mas ficara para trás. Quatro dos outros tinham descoberto como seguir adiante. Em breve, *ele* também se casaria – não havia como escapar de tal destino. Era seu dever ter esposa e herdeiros. Porém não podia esperar encontrar a mesma felicidade, sequer o mesmo contentamento dos amigos.

Era incapacitado para o amor – incapaz de senti-lo, dá-lo a alguém ou mesmo desejá-lo.

Sempre que dizia isso para os Sobreviventes, um ou outro lhe lembrava, com muita ênfase, que ele *os amava* – o que era verdade, por mais que evitasse usar essa palavra. Também amava sua família. Mas a palavra “amor” tinha tantos significados que se tornara praticamente vazia. Ralph sentia vínculos profundos com determinadas pessoas, mas sabia ser incapaz do *amor*, aquele algo especial que alimenta um bom casamento e que às vezes até o torna feliz.

Havia alguns compromissos sociais que ele seria obrigado a cancelar por causa da carta da avó, embora nenhum que ele lamentasse perder. Enviou suas desculpas às pessoas relevantes, escreveu uma curta missiva para a mãe, que se encontrava na cidade e talvez esperasse sua visita, e partiu para Sussex e a residência dos avós em seu cabriolé, apesar de ser um frio dia de início de maio, com vento forte e até ameaça de chuva. Nunca viajava em carruagens fechadas, se pudesse evitar. A bagagem seguia em outro veículo, com seu criado pessoal – embora Ralph acreditasse que não viria a precisar nem de um nem de outro, pois a avó certamente estaria ansiosa para lhe dizer o que planejava e mandá-lo de volta a Londres, onde se encontravam todas as festas, bailes e candidatas a noiva.

A não ser que o avô estivesse mesmo doente.

Ralph sentiu um desconfortável aperto no estômago quando pensou naquilo. O duque era muito idoso, e todos morrem um dia, mas ele não conseguia enfrentar a perspectiva de perder o avô. Ainda não. Não queria ser o chefe da família, com mais ninguém acima ou abaixo. Havia uma terrível solidão naquele pensamento.

Como se a vida já não fosse solitária o bastante.

Chegou no meio da tarde, parando apenas uma vez para a troca de cavalos e a alimentação e tendo a sorte de não ser detido em nenhum pedágio nem ficar atrás de veículos lentos em trechos estreitos da estrada. As portas de Manville estavam abertas, embora a tarde não estivesse muito mais quente do que a manhã. Era óbvio que o esperavam.

Avistou Weller de pé à entrada. O idoso mordomo do avô o cumprimentou com uma reverência quando Ralph lhe dirigiu o olhar. O homem não parecia ansioso – não que Weller algum dia demonstrasse emoções extremas. Entretanto, com certeza, ele o faria se o avô estivesse nos últimos suspiros.

Então o próprio avô apareceu por trás dos ombros de Weller e o mordomo deu um elegante passo para o lado.

– Rarunffff – disse o duque enquanto Ralph entregava as rédeas a um cavaleiro e subia os degraus até a porta, dois de cada vez.

Aquele era um som característico dele e que ficava no meio do caminho entre uma palavra e um pigarro.

– Fazendo uma visita afetuosa justo quando a temporada de eventos sociais em Londres está aquecendo, Berwick? Suponho que seja porque não conseguiria passar mais um dia sequer sem ver o rosto de sua avó.

– Que bom ver o senhor – falou Ralph, com um sorriso matreiro, e pegou a mão artrítica e ossuda do duque. – Como vai?

– Suponho que sua avó tenha lhe escrito informando que eu estava à beira da morte – disparou o velho. – Creio que estou mesmo, mas ainda não bati à porta nem pus o pé na soleira, Berwick. Só um pouco de tosse e um pouco de gota, tudo resultado de uma boa vida. Bem, se foi chamado, devem estar aguardando você lá em cima. Melhor não deixar a duquesa esperando.

Ele conduziu o neto até a sala de estar. O mordomo, já posicionado diante das portas duplas quando chegaram, as abriu para que os dois nobres entrassem juntos.

A duquesa, que a cada vez que Ralph a encontrava parecia mais um passarinho – um passarinho feroz –, estava sentada junto ao fogo. Ela meneou

a cabeça com elegância enquanto Ralph atravessava o aposento antes de se curvar e beijar-lhe o rosto.

– Vovó. Espero que esteja bem.

Ela olhou de relance para o marido antes de declarar:

– Ralph. Que surpresa.

– De fato – concordou ele. – Resolvi passar um ou dois dias aqui, para ver como a senhora estava. E vovô também, claro.

– Mandarei que tragam a bandeja de chá – disse ela, olhando vagamente em volta, como se esperasse que a bandeja se materializasse no ar.

– Permita-me tocar a campainha, Vossa Graça – ofereceu uma dama sentada um pouco mais afastada do fogo.

Ela se levantou e seguiu em direção à corda da sineta.

– Ah, muito obrigada, minha querida – falou a duquesa. – Sempre tão atenciosa. Este é meu neto, o conde de Berwick. Ralph, esta é a Srta. Muirhead. Ela está passando algum tempo comigo. Sou muito grata por sua companhia.

Tudo foi dito com grande amabilidade. Por um instante assustador, Ralph pensou que talvez a convocação fosse para que ele considerasse a hóspede como sua possível noiva. Então percebeu que ela não era mais tão jovem. Talvez fosse mais velha que ele. Nem estava vestida de acordo com a última moda. Era alta e um tanto esguia, a tez pálida salpicada por sardas no nariz. Pareceria desvanecida, ou pelo menos desvanecendo, não fosse pelo cabelo, que era espesso, farto e ruivo, um ruivo tão vivo como Ralph nunca vira em ninguém.

– Milorde – cumprimentou ela, e fez uma mesura sem olhar para ele nem sorrir.

Ele se curvou e murmurou o nome dela.

A avó não a ignorou, porém tampouco se esforçou para que Ralph desse atenção à jovem, de forma que ele se tranquilizou. Era óbvio que não se tratava de alguém de grande importância. Uma espécie de acompanhante, supôs, uma solteirona envelhecida e desprovida de fundos de quem a duquesa se apiedara.

– Diga-me, Ralph – pediu a avó, batendo no assento da cadeira a seu lado –, quem está na cidade para a temporada deste ano? E quem é novo?

Ralph se sentou, pronto para o interrogatório.

CONHEÇA OS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos
Ligeiramente pecaminosos
Ligeiramente seduzidos
Ligeiramente escandalosos
Ligeiramente maliciosos
Ligeiramente casados

CLUBE DOS SOBREVIVENTES

Uma proposta e nada mais
Um acordo e nada mais
Uma loucura e nada mais
Uma paixão e nada mais
Uma promessa e nada mais

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

